

---

## Geocomunicação: Tecnologias Digitais em Rede e a Questão da Territorialidade<sup>1</sup>

Dayana Melo da Silva<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma concepção de geocomunicação situada na interseção entre as tecnologias digitais em rede e a questão da territorialidade. Em um primeiro momento, aborda-se o conceito de “desterritorialização” com base na geofilosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de modo a inscrever espacialmente a tríade territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Em seguida, analisa-se o lugar das tecnologias de comunicação dentro desse processo. Por fim, observa-se empiricamente os fatores que definem a geocomunicação no ambiente digital, pensando-a de modo integrado aos ambientes social e natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** geocomunicação; redes digitais; territorialidades.

### INTRODUÇÃO

Pensar em uma geocomunicação significa pensar em uma comunicação da terra, do território e do espaço, ou seja, uma comunicação que integra, dentro de uma mesma dinâmica, os ambientes social e natural que nos constituem e aos quais também constituímos. Da mesma forma, ela também indica uma leitura movente, fragmentária e descontínua das tecnologias de comunicação, de modo a incorporar à sua perspectiva observacional a multiplicação de temporalidades e espacialidades que compõem as materialidades dessas tecnologias, bem como os seus fluxos informacionais.

Com efeito, na atualidade, o prefixo “geo”, derivado do grego antigo γῆ (gê) e cujo significado é “terra”, está por toda parte, compondo antigas e novas palavras, como geografia, geopolítica, geoeconomia e geolocalização. Neste estudo, o próprio entendimento da ideia de geocomunicação está diretamente associado às ideias de geofilosofia e geologia, desenvolvidas, respectivamente, por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2005) e Jussi Parikka (2015), e com base nas quais buscamos pensar as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pesquisadora de pós-doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Doutora em Sociologia pela Université Sorbonne Paris Cité – Paris V. E-mail: [dayanamelo@usp.br](mailto:dayanamelo@usp.br).

---

tecnologias de comunicação de modo integrado à terra e ao território, destacando sempre o caráter híbrido, complexo e mesmo contraditório dessa relação.

No percurso aqui adotado, em primeiro lugar é apresentado o conceito de “desterritorialização” com base na geofilosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de modo a inscrever espacialmente a tríade territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Em um segundo momento, é analisado o lugar das tecnologias de comunicação dentro desse processo, indicando o caráter territorial, ambiental e espacial dessas tecnologias. Por fim, é observado empiricamente como essas tecnologias atuam na desterritorialização e reterritorialização de elementos do tecido social e natural. As considerações finais sintetizam o entendimento da geocomunicação como a comunicação da terra, para a terra e com a terra.

## **DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO**

Em *Qu'est-ce que la philosophie* (O que é a filosofia?), publicado em 1991, Gilles Deleuze e Félix Guattari utilizam a palavra “geofilosofia” como título de um dos capítulos do livro, no qual eles tematizam as relações entre terra e territórios e exploram o conceito de “desterritorialização”, que aparece anteriormente nas obras *L'Anti-Édipe* e *Mille Plateaux*. Nessa última, os autores introduzem uma distinção entre “desterritorialização relativa”, “desterritorialização absoluta” e “desterritorialização positiva absoluta”, que se dá sobre o “plano de consistência ou o corpo sem órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 168, tradução nossa).

Esse mesmo conceito também aparece em *Mille Plateaux* ligado ao conceito de rizoma. Isso porque, embora o rizoma funcione como uma inscrição multi-localizada em um substrato e a desterritorialização invoque um desligamento do substrato, os dois conceitos se opõem à ideia de enraizamento. No que concerne à questão espacial, tendo em vista que qualquer desterritorialização implica em uma posterior reterritorialização, é justamente a multiplicidade de lugares engendrados pela reterritorialização que forma o rizoma. Conforme afirma Hervé Regnauld (2012, p. 199, tradução nossa), “Trata-se, portanto, de um pensamento do espaço sob a categoria do discreto, do separado”.

De fato, Deleuze e Guattari descrevem o rizoma como um dinamismo de desterritorialização e reterritorialização com múltiplas ramificações. A proliferação rizomática se dá com base em três princípios, quais sejam, conexão, heterogeneidade e

---

multiplicidade, sendo as multiplicidades “definidas pelo exterior: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas modificam sua natureza ao se conectar com outras. O plano de consistência (grade) é o exterior de todas as multiplicidades”. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 15-16, tradução nossa).

Essa multiplicidade se estende, por sua vez, não somente ao indivíduo, doravante visto como parte integrante e não como fundamento da organização social, mas também ao território. Assim, conforme indicam os autores, pensar se faz “na relação entre o território e terra” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 82, tradução nossa), e acrescentam que:

(...) a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pelo qual ela ultrapassa todo o território: ela é desterritorializante e desterritorializada. Ela se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa o seu território, lagostas que se põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos e cavaleiros que cavalgam em uma linha de fuga celeste. A terra não é um elemento entre outros. Ela reúne todos os elementos em um mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território) (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 82, tradução nossa).

Isso indica que a filosofia como geofilosofia está ligada aos ambientes, ambiências, territórios, fronteiras e comunhões. De acordo com Manola Antonioli (2003), tanto a geofilosofia quanto a desterritorialização evocam uma perspectiva “espacializante” e “espacializada”. A autora argumenta ainda que, diante do atual cenário mundial, “o pensamento deve, cada vez mais, se abrir aos espaços, às dimensões, aos territórios, reconhecer a dimensão essencial do *espaçamento* e não mais se limitar à mediação sobre a sua história e a história dos conceitos” (ANTONIOLI, 2003, p. 9-10, tradução nossa).

Ao avançarmos nessa compreensão do espaço, veremos que, como nos mostra Peter Sloterdijk, o espaço não é um a priori, mas um condicionamento que é determinado pela noção de limite. Nesse sentido, o filósofo afirma que, enquanto na física kantiana, as coisas simplesmente preenchem o espaço preexistente, ou seja, o espaço representado a priori, e só podem existir ao lado das outras por meio da exclusão mútua, no espaço físico e sócioesférico, são as próprias coisas, pela força da sua coexistência, que constituem o

---

espaço, assim: “eles estão imbricados uns nos outros e constituem, sobre o modo de abrigo que oferecemos uns aos outros e da evocação recíproca, um lugar físico-social de um tipo específico” (SLOTERDIJK, 2005, p. 271, tradução nossa).

Essa concepção sloterdijkana de espaço e esferas é regida, ainda, pela questão do habitar com e entre os seres. Uma questão que encontra seu fundamento filosófico na obra de Martin Heidegger, mais especificamente na conferência *Construir Habitar Pensar* (HEIDEGGER, 2001). No entanto, tal como nos mostra Bruno Latour (2009), Sloterdijk complexifica a questão heideggeriana do Ser (*Dasein*) e do seu Habitar (*Wohnen*) ao se questionar sobre as próprias condições desse habitar, qual é a sua temperatura, suas cores, que materiais o compõem, para onde vai o lixo nele produzido etc. Em outros termos, Sloterdijk acrescenta à questão do Ser e do habitar a questão da sobrevivência nesse habitar, bem como a própria sobrevivência do habitar.

Evidentemente, as tecnologias de comunicação são parte integrante desses territórios, espaços e esferas, engendrando e sendo engendradas por eles, desterritorializando e reterritorializando elementos do tecido social e natural, conforme observaremos a seguir.

## **POR UMA GEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO**

O *medium*, enquanto algo que impõe limites e abre novas possibilidades, novos territórios, é também um ambiente. Do mesmo modo, os *media*, enquanto um ecossistema complexo, não podem ser simplesmente reduzidos à forma humana ou à percepção humana. Com base nessa perspectiva ecossistêmica e também ecológica dos *media*, observaremos que cada vez que um novo elemento (*medium*) é incorporado a um antigo ambiente, um novo ambiente se forma, ou se desvela. Assim, como bem mostrou Joshua Meyrowitz (1986, p. 19, tradução nossa), “A extensão da novidade depende, é claro, de quanto o novo fator altera forças significativas no sistema antigo, mas o novo ambiente é sempre maior do que a soma dessas partes”.

Dentro dessa mesma perspectiva, John Peters alerta para o fato de que, antes de ser associado às tecnologias de comunicação, o *medium* estava associado ao meio, de sorte que ele “sempre significou um elemento, ambiente ou veículo no meio das coisas” (PETERS, 2015, p. 46, tradução nossa). De acordo com Peters, até o século XIX, a palavra *medium* estava associada à ideia de natureza e aos elementos naturais, como a

---

água, a terra e o ar. Todavia, mesmo se durante o século XX, a noção de *medium* foi diretamente e quase que exclusivamente associada às tecnologias de comunicação e de disseminação de informações em massa, ela não perdeu totalmente o seu caráter ambiental, isto é, de *medium* como meio. Nesse sentido, se podemos considerar o *medium* como ambiente, é possível também considerar o ambiente como meio:

A velha ideia de que as mídias são ambientes pode ser invertida: os ambientes também são mídias. Água, fogo, céu, terra e éter são elementos - acolhedores, sublimes, perigosos e maravilhosos - que sustentam existências, e ainda não descobrimos como cuidar delas; nossos esforços para fazê-lo constituem a história técnica (PETERS, 2015, p. 3, tradução nossa).

Considerados sob esse aspecto, os *media* nos remetem não somente a uma concepção de ambiente social, mas também ao ambiente natural, isto é, à natureza, vista como algo integrado e não separado da cultura, como queriam os modernos. Essa noção de *medium*, ao associar técnica e natureza, *technè* e *physis*, nos insere, ainda, dentro de uma lógica na qual não se pode dissociar, por exemplo, a reflexão sobre o digital, pensado enquanto ambiente, do também ambiente do qual ele utiliza recursos para se constituir, ou seja, não podemos dissociar o digital dos minérios, da energia etc. Isso significa que, “Hoje, fatos naturais são *media*, e fatos culturais têm impressão elementar. Podemos ver a Internet como um modo de existência, em certo sentido próximo da água, do ar, da terra, do fogo e do éter em sua modelagem básica dos ambientes” (PETERS, 2015, p. 49, tradução nossa).

Essa compreensão da natureza e dos elementos naturais como ambientes nos distanciam, em grande medida, da própria concepção instrumental e antropocêntrica da técnica, tal como indicado por Heidegger. *Grosso modo*, para Heidegger, a perspectiva simplesmente instrumental da técnica esconde uma profunda reflexão sobre isso que constitui a essência da técnica, que é o desencobrir, o desvelar, o desabrigar: “Questionamos a técnica e agora aportamos na *αλήθεια*, no desabrigar. O que a essência da técnica tem a ver com o desabrigar? Resposta: tudo. Pois no desabrigar se fundamenta todo produzir (...) A seu âmbito pertencem fim e meio, pertence o instrumental” (HEIDEGGER, 2007, p. 380).

Com isso, observamos que tanto a concepção dos *media* como ambiente como a concepção não instrumental e não antropocêntrica da técnica vai de encontro à ideia de determinismo tecnológico, nos aproximando de uma determinação tecnológica, na

---

medida em que estamos totalmente imersos nessa atmosfera na qual o objeto técnico é o próprio espaço societal (HUGON, 2010). Esse espaço nos impõe limites e enquadra nossa existência com base em uma concepção não mais transcendente, mas imanente das tecnologias e dos *media* (SOUZA AGUIAR, 2018).

Acerca dessa determinação, ela também se insere na própria compreensão de forma. Conforme nos indica Michel Maffesoli, “Em latim, a *determinatio* é a fronteira que marca os limites do campo, mas é esse limite que possibilita potencialmente a vida em comparação à indefinição, à informalidade do deserto sem limites. Assim, as coisas existem porque elas se inscrevem em uma forma” (MAFFESOLI, 2007, p. 98, tradução nossa). A determinação se refere, pois, à determinação do novo ecossistema engendrado pelo novo *medium* e à determinação da forma desse novo *medium* que está, por sua vez, diretamente associada ao ecossistema, e *vice versa*.

É nesse sentido que Jussi Parikka busca complexificar a arqueologia dos *media* ao propor uma geologia dos *media*. De acordo com o autor, para compreender adequadamente os *media* contemporâneos devemos, antes, compreender as realidades materiais que precedem o próprio *medium*, isto é, a história da terra, suas formações geológicas, seus minerais etc., de modo a confrontar as profundas implicações ambientais e sociais da modernidade e do modo de vida moderno (PARIKKA, 2015). Trata-se não somente de uma mudança na perspectiva espacial, mas também de uma mudança na perspectiva temporal. Parikka expande a análise acerca do tempo profundo dos *media*, tal como proposta por Siegfried Zielinski (2006), em direção aos tempos não humanos, passado e presente. O autor também define as *Medianatures* como algo “destinado a incorporar uma unidade similar com uma ênfase específica na (técnica) cultura da mídia. É um conceito que cristaliza o ‘duplo vínculo’ da mídia e natureza como esferas co-constituintes” (PARIKKA, 2015, p. 14, tradução nossa).

## **TECNOLOGIAS DIGITAIS EM REDE E TERRITORIALIDADES**

A fim de experimentar essa concepção de geocomunicação e todas as implicações territoriais, espaciais e ambientais que a compõem, o objeto de análise deste artigo foi estruturado com base na observação de iniciativas e coletivos urbanos que atuam na redescoberta e restauração das nascentes, rios e córregos canalizados e enterrados na

---

cidade de São Paulo<sup>3</sup>, e que mobilizam, nesse processo, dispositivos e arquiteturas digitais em rede. Entre os anos de 2015 e 2018, foram mapeados e observados sete coletivos:

- *Rios e Ruas*: realizam expedições urbanas periódicas a fim de explorar os rios e córregos da cidade de São Paulo, bem como as nascentes e fozes desses cursos de água. Promovem oficinas prático-teóricas, atividades esportivas e de lazer, mostras culturais, intervenções urbanas e exposições artísticas, como a exposição artemídia *Rios des.cobertos*. Atualmente, desenvolvem um projeto denominado “Mapa afetivo das nascentes paulistanas”, uma cartografia digital das nascentes e cursos das águas de São Paulo, construída de maneira colaborativa e descrita como “social e afetiva”. Administram uma página no Facebook, Instagram, uma conta no Twitter, um blog e um site;
- *Rios (In)visíveis*: responsáveis pela idealização e criação da primeira cartografia digital e interativa dos rios e córregos canalizados e soterrados na cidade de São Paulo. A cartografia foi desenvolvida com o auxílio das ferramentas *MapBox* e *Mapas Coletivos*. O grupo também administra uma página no Facebook;
- *Cidade Azul*: desenvolvem audioguias conectados a mapas digitais por meio dos quais é possível seguir o trajeto de alguns dos rios e córregos soterrados em São Paulo. Além dessa plataforma, administram um site, uma página no Facebook, Instagram, Pinterest, uma conta no Twitter e um canal no Youtube;
- *Nascentes SP*: realizam um trabalho de pesquisa, mapeamento e sensibilização social em relação aos cursos de água soterrados em São Paulo. O objetivo é monitorar e divulgar informações sobre a qualidade das águas das nascentes urbanas e as possibilidades de uso dessas águas. Também realizam mutirões colaborativos de revitalização de nascentes;
- *Hortelões das Nascentes*: o grupo atua em parceria com o coletivo *NascenteSP*, que, por sua vez, atua em apoio à *Aliança pela Água*, uma articulação da sociedade civil criada durante a crise hídrica de 2014 em São Paulo;
- *Existe Água em SP*: partilham cotidianamente no Facebook fotos e vídeos de nascentes e cursos de rios e córregos ignorados pelos habitantes de São Paulo. Em

---

<sup>3</sup> Segundo dados do mapa hidrográfico elaborado pela Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica para a Prefeitura do Município de São Paulo, em 2012, a cidade é constituída por uma rede hidrográfica de cerca de 287 cursos de água canalizados e enterrados.

- 
- três anos de projeto, foram registradas mais de cem nascentes em diversas regiões centrais e periféricas da cidade, algumas dessas nascentes também foram revitalizadas. Entre os projetos de revitalização, destaca-se o projeto realizado em parceria com o coletivo *Ocupe e Abrace*, na Praça da Nascente (Praça Homero Silva), situada na Pompeia, Zona Oeste, e outro em parceria com o povo Guarani do território indígena *Tekoa Itakupe*, situado no Jaraguá, Zona Norte;
- *Volta Pinheiros*: coletivo e movimento que pede a revitalização do Rio Pinheiros, situado na Zona Oeste de São Paulo. Além de utilizar sites e redes sociais como Facebook para divulgar informações e conteúdos sobre o rio, o grupo também promove abaixo-assinados online, entre outras ações informacionais e organizacionais nas redes.

Todos esses coletivos surgiram no decorrer desta década com o objetivo de redescobrir e restaurar nascentes e cursos de água da capital paulista, canalizados e enterrados entre o final do século XIX e século XX, período no qual a cidade se desenvolveu enquanto metrópole moderna, industrial e urbana, transfigurando a sua paisagem natural (SEABRA, 1987). Para tanto, os coletivos mobilizam dispositivos e arquiteturas digitais e em rede, como aplicativos de geolocalização, audioguias conectados a mapas digitais interativos, blogs, sites e redes sociais nas quais são cotidianamente publicados fotografias, vídeos e textos sobre as nascentes, rios e córregos de São Paulo.

Ao seguirmos os rastros deixados por esses coletivos no ambiente digital, observamos a tentativa de descobrimento, ou desvelamento, das águas da cidade por meio das tecnologias mobilizadas. Um dos trechos de um dos audioguias criados pelo coletivo *Cidade Azul* e por meio do qual é possível seguir o percurso do rio Verde - enterrado sob as ruas da Vila Madalena, bairro situado no distrito de Pinheiros, região oeste da capital paulista - evidencia esse processo:

[...] você está agora na saída da estação de metrô da Vila Madalena e, provavelmente, não tá conseguindo enxergar rio nenhum, vou tentar te ajudar. Olhe à sua volta. Vire-se para a avenida barulhenta aqui do lado, a Heitor Penteado, tá conseguindo ver o horizonte? De que lado tem mais céu? De que lado tem menos céu? Onde tem pouco céu é porque você está olhando para o lado do morro. Onde tem muito céu é que você está olhando para o Vale, o lado pra onde o rio desce. É pra lá que vamos também. Agora, uma coisa importante: precisamos que você abra os seus sentidos. A partir de agora fique atento aos



sons, aos cheiros, às cores, à temperatura do ar, aos sinais do rio vivo que está correndo debaixo dos nossos pés. Procure também pelos postes pintados de azul que vão ajudar a orientar o seu passeio. Agora, preste atenção! A gente vai deixar a saída da estação do metrô às nossas costas e caminhar pra frente até sair da estação. Depois, a gente vai seguir reto pela rua João Moura, pela calçada da direita, até chegar à esquina com a rua Iperó, e não se esqueça, sempre descendo [...] (Audioguia / Rio Verde)<sup>4</sup>

Além de narrar o curso original dos rios, os audioguias contam a história desses rios e das pessoas que moram em seus entornos, destacando a relação intrínseca entre o modo como o rio foi enterrado e a geografia local, e utilizando, nesse processo, um mapa digital interativo (FIG. 1):

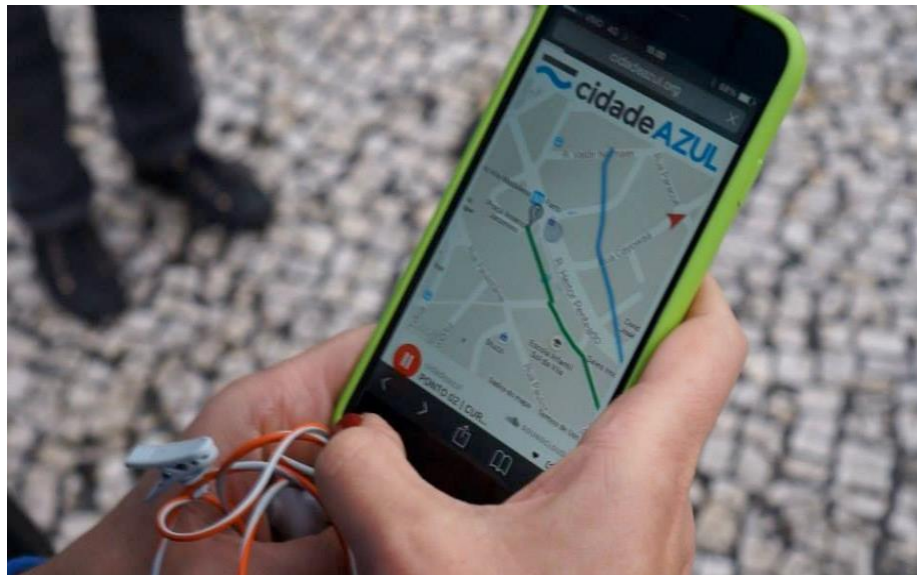


FIGURA 1 – Mapa e Audioguia Cidade Azul  
FONTE - <https://www.facebook.com/acidadeazul/photos>

Do mesmo modo, observamos que essa tentativa de reterritorializar, por meio da tecnologia o que essa mesma tecnologia desterritorializou, é, pois, uma característica não somente desses coletivos, mas de todos os coletivos, grupos e movimentos que atuam nessa relação sociedade-ambiente-tecnologia (SILVA, 2016). Isso porque, a imbricação entre os ambientes social, natural e tecnológico da cidade é um outro fator característico desses coletivos. Assim sendo, são as tecnologias que incitam as pessoas a conceberem uma outra relação com as espacialidades territoriais por meio de uma mobilidade fluida, não linear e não projetiva, na qual a cidade é vivenciada com base nessas redes de

<sup>4</sup> CIDADE AZUL. **Ponto 1, Rio Verde**. Disponível em: <<https://soundcloud.com/cidadeazul>> Acesso em: 30 de novembro de 2018.

desterritorialização, que são também redes de ressignificação e de experimentação compartilhada (FIG. 2; FIG. 3).



FIGURA 2 – Expedição Cidade Azul

FONTE - <https://www.facebook.com/acidadeeazul/photos>



FIGURA 3 – Expedição Cidade Azul

FONTE - <https://www.facebook.com/acidadeeazul/photos>

Ainda dentro de uma concepção desterritorializante e reterritorializante das tecnologias da comunicação, esses territórios, espaços e ambientes engendrados pelo digital também podem ser pensados como espaços híbridos. Silva (2006) define os espaços híbridos à luz de três grandes mudanças na interação entre as tecnologias móveis

---

e os espaços: o enfraquecimento das fronteiras tradicionais entre espaços físicos e digitais; o deslocamento das redes sociais para os espaços físicos; a reconfiguração dos espaços urbanos como espaços híbridos. Esses últimos são, por sua vez, conceituados como espaços conectados, espaços móveis e espaços sociais. E é justamente na compreensão desses espaços híbridos que a geocomunicação, situada na interseção entre as tecnologias digitais em rede e a questão da territorialidade, deve atuar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo delineou uma concepção de geocomunicação situada na interseção entre as tecnologias digitais em rede e a questão da territorialidade. Para tanto, ele foi dividido em três seções. Na primeira seção, apresentamos o conceito de “desterritorialização” com base na geofilosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de modo a inscrever espacialmente a tríade territorialização-desterritorialização-reterritorialização, dialogando diretamente com a noção de esferas de Peter Sloterdijk. Na segunda seção, desenvolvemos o entendimento das tecnologias de comunicação como parte integrante desses territórios e espaços, bem como o entendimento do *medium* como ambiente e dos *media* como um ecossistema complexo. A perspectiva espacial e temporal proposta por Parikka para análise geológica dos *media* também foi apresentado como um desses fatores de complexificação. Na terceira e última seção, observamos a atuação de iniciativas e coletivos urbanos mobilizados na redescoberta e restauração das nascentes, rios e córregos canalizados e enterrados na cidade de São Paulo, e que utilizam, nesse processo, uma série de dispositivos e arquiteturas digitais e em rede. O objetivo foi mostrar como essas tecnologias atuam nesse duplo processo de desterritorialização e reterritorialização.

Por fim, cabe ressaltar que a geocomunicação, enquanto uma comunicação da terra, para terra e com a terra, pensada, aqui, com base em uma perspectiva diretamente direcionada às tecnologias digitais em rede, deve sempre atentar para esse *continuum* desterritorialização-reterritorialização-desterritorialização. O que implica, por sua vez, a própria desterritorialização dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização, tal como delineado neste artigo, e que deve ser aprofundado em estudos posteriores.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIOLI, M. **Géophilosophie de Deleuze et Guattari**. Paris: L'Harmattan, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mille plateaux**. Paris: Éditions de minuit, 1980.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Editions de Minuit, 2005.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **scientiæ zudia**, v. 5, n. 3, p. 375–98, 2007.
- HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HUGON, S. **Circumnavigations : l'imaginaire du voyage dans l'expérience Internet**. Paris: CNRS éd, 2010.
- LATOURET, B. Sphères et réseaux: deux façons de saisir le global. **Les Études du CFA–ouvertures.org**, v. 26, p. 138–144, 2009.
- MAFFESOLI, M. **La connaissance ordinaire: précis de sociologie compréhensive**. Paris: Klincksieck, 2007.
- MEYROWITZ, J. **No sense of place: the impact of electronic media on social behavior**. New York, NY.: Oxford Univ. Press, 1986.
- PARIKKA, J. **A geology of media**. Minneapolis ; London: University of Minnesota Press, 2015.
- PETERS, J. D. **The Marvelous Clouds: Toward a Philosophy of Elemental Media**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- REGNAULD, H. Les concepts de Félix Guattari et Gilles Deleuze et l'espace des géographes. **Chimères**, v. 76, n. 1, p. 195–204, 2012.
- SEABRA, O. C. DE L. **Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros**, USP, 1987.
- SILVA, D. M. DA. Asphalte, réseaux et rivières: la ville dévoilée. **Cahiers Européens de l'Imaginaire**. Paris: CNRS Editions, 2016. v. N 8. la Rue. .
- SILVA, A. DE S. E. From cyber to hybrid: mobile technologies as interfaces of hybrid spaces. **Space and Culture**, v. 9, n. 3, p. 261–278, 2006.
- SLOTERDIJK, P. **Sphères III. Écumes**. Paris: Hachette littératures, 2005.
- SOUZA AGUIAR, C. E. La sacralité numérique et la mystique de la technologie. **Sociétés**, v. 139, n. 1, p. 97–108, 2018.
- ZIELINSKI, S. **Deep time of the media: toward an archaeology of hearing and seeing by technical means**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.